

Tristeza no Congresso: desfila bancada do adeus

DEBORAH BERLINCK

BRASÍLIA — Tão ruim quanto perder eleição, talvez seja passar a semana toda no Congresso ouvindo comentários do tipo "lamento", "que pena" ou "quem sabe da próxima vez..." dos companheiros reeleitos. Como diz o derrotado deputado Airton Soares (PMDB-SP), se dependesse de apoio moral, estaria eleito. Quando os resultados já não lhe eram favoráveis, foi surpreendido com um tapinha nas costas do Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, que, otimista, lhe desejou boa sorte:

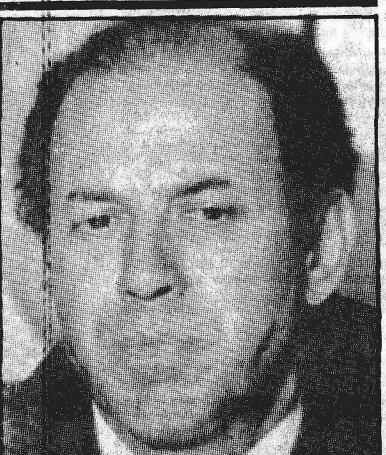
"Oh, meu caro. Você é um parlamentar combativo e muito importante para a Constituinte. Estou torcendo por você.

Airton, com 12 anos de mandato, e um dos integrantes da chamada bancada paulista de "esquerda" (a maioria derrotada), agradeceu a gentileza de Ulysses, mas depois protestou.

Acho engraçado. Disse que torceu por mim, mas montou um dos seus maiores comitês eleitorais em Lins, justamente na minha cidade, onde eu tinha muitos votos garantidos.

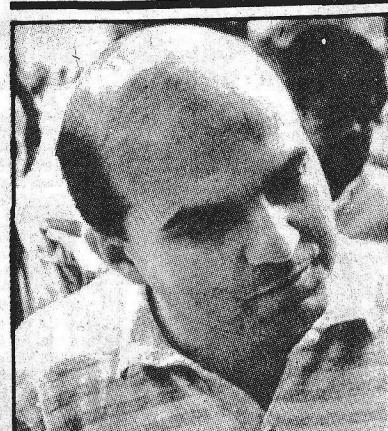
O Deputado deixa o Congresso com quatro propostas de trabalho, muitos elogios e um recado que recebeu, por telex, de um ex-eleitor do PT, que dizia: "Bem feito. Saudações petistas" (Airton foi líder do PT).

E foi nesse clima de constrangimento que o Congresso encerrou seus trabalhos. Com a estimativa de renovação de mais de 60 por cento dos parlamentares já confirmada, os políticos esbaravam nos corredores sem saber se saudavam a vitória dos colegas ou se lamentavam a derrota.



Meu consolo é a experiência que adquiri. Posso dizer que saio enriquecido,

Nelson Marchezan



Ulysses torceu por mim, mas montou um grande comitê eleitoral em Lins, minha cidade,

AIRTON SOARES

O que mais se ouvia eram justificativas: culpou-se o poder econômico, a máquina dos estados, a corrupção de eleitores e o Plano Cruzado.

Alguns, como o Deputado Sebastião Ataíde (PDT-RJ), não esperaram sequer o fim do mandato. Ataíde foi visto pela última vez no dia 25, dia do pagamento. Na porta de seu gabinete, espalhados no chão, restaram quatro anos de trabalho transformados em lixo: projetos, cartas, adesivos, e o livro de Olavo Setúbal "Ação política e discurso liberal", com o cartão do Chanceler. A assessora do Deputado garante que, apesar dos 1.800 votos, "ele trabalhou tanto que parecia que ia morrer". Com a derrota, Ataíde terá problema familiar: sua mulher Marta, o filho José Roberto e o irmão Manuel, respectivamente assistente, secretário e auxiliar de seu gabinete, são todos agora desempregados.

Outro derrotado, o Deputado Wilmar Palis (PDT), conhecido pela disposição com que gritava diariamente nos microfones da Câmara "Diretas já" para Presidente, também não foi visto em Brasília na última semana. Na quarta-feira, quando o Congresso tentava votar uma série de projetos, ele decidia com sua assessora, por telefone, do Rio, o que fazer com os cem mil cartões de Natal empilhados na sua sala, que mandou imprimir para os eleitores.

A poucos metros de seu gabinete, o Deputado Eduardo Suplicy, candidato do PT ao Governo de São Paulo, surpreendia-se com os prejuízos da eleição: além de perder quatro meses de salário por causa do afastamento do Congresso, descobriu que tem

uma dívida de Cz\$ 40 mil com o Instituto de Previdência do Congresso. E que, ao pedir licença na Câmara para dedicar-se à campanha em São Paulo, como poucos fizeram, deixou de ganhar salário e, com isso, de contribuir com a Previdência. Se não pagar, perderá direitos.

Suplicy lamenta a derrota — "Eu imaginava que poderia convencer as pessoas" — e anuncia que retomará, em tempo integral, seu trabalho como professor de economia, mas não desistirá da política. O ex-Ministro das Minas e Energia, Senador bioníco César Cals (PDS-CE), fracassado no seu primeiro e único teste nas urnas, diz que tem espírito de disciplina militar (é Coronel) e que também não abandonará a política.

Não penduro as chuteiras. Nem que eu tenha que fazer lobby (pressão) nas galerias do Congresso, vou participar da Constituinte e da campanha municipal.

A derrota uniu antigos adversários em calorosas despedidas. Podia-se ver no Congresso, por exemplo, o Deputado Airton Soares (PMDB-SP) dando efusivos abraços no ex-Líder da Arena, Nélson Marchezan (PDS-RS), também derrotado.

Sem modéstia, poderíamos dizer que nós dois seríamos muito importantes na Constituinte, não acha? — perguntou Airton, provocando uma risada do adversário.

Marchezan diz que foi derrotado pela "avalanche do Plano Cruzado", mas que vai fazer apenas uma interrupção nas atividades políticas, para descansar. Como consolo, vale-se da experiência que adquiriu em anos de mandato: "Saí enriquecido", disse.



Só lamento perder a companhia de poucas pessoas sérias que ainda ficam no Congresso,

HERBERT LEVY

O Deputado Herbert Levy (PSC-SP), 75 anos, um dos mais抗igos parlamentares da Casa, levou 40 anos, em dez mandatos consecutivos, para concluir, agora na derrota, que o Congresso caiu de nível. Levy, que pretende dedicar-se ao seu novo partido em São Paulo, o Partido Social Cristão, criticava o baixo nível dos parlamentares quando chegou para cumprimentá-lo o Deputado reeleito Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP). Imediatamente, mudou o tom da conversa e disse:

A última sessão de Novaes

No canto de uma das bancadas do plenário da Câmara, o mais抗igo parlamentar do Congresso, Deputado Manoel Novaes (PDS da Bahia), derrotado nas últimas eleições, assiste solitário (foto) à solenidade de encerramento dos trabalhos. Se para alguns a derrota foi apenas uma batalha perdida, para Novaes, que já participou de duas Constituintes (de 1933 e 1946), foi a despedida de 53 anos de vida parlamentar. Médico, encerra a carreira aos 75 anos.



Pois é, imagine você que eu estava dizendo agora que das poucas pessoas sérias que eu lamento perder no Congresso, uma delas é você.

Pior é passar por ilustre desconhecido dentro de seu próprio partido, como aconteceu com o Deputado Arildo Teles (PDT-RJ). Ao ver, no plenário da Câmara, Roberto D'Ávila, eleito pelo seu partido no Rio, Arildo apressou-se para dar as boas vindas ao colega. D'Ávila agradeceu, e depois, virando-se para a pessoa com quem conversava, perguntou sem constrangimento: "Quem é esse?"

Uma das perdas mais lamentadas no Congresso foi a do Deputado João Gilberto (PMDB-RS), que se destacou na elaboração de leis eleitorais, mas foi derrotado ao concorrer a uma vaga no Senado. Com 12 anos de mandato, João Gilberto está na dúvida se volta a fazer política no Rio Grande do Sul ou se permanece em Brasília, onde estuda uma proposta de trabalho da UnB para desenvolver projetos de subsídios para a Constituinte. Para sua permanência, pesa ainda outro fator: seus cinco filhos não querem sair de Brasília. "No momento, sou um cidadão como muitos brasileiros, à procura de emprego", diz o Deputado.

A bancada dos parlamentares conhecidos que não se reelegeram é integrada ainda pelo ex-Líder do PMDB, Freitas Nobre, com quatro mandatos, Artur Virgílio Neto (PMDB-AM), e pelo Deputado Mário Juruna (PDT-RJ), que de uma gloriosa votação em 1982, como o único índio do Congresso, caiu no anonimato, acusando "os brancos" de não lhe darem importância.

Vou sair em silêncio porque branco é temiso. Mas se o Governo quiser índio, aceito cargo no Palácio do Planalto, assim fico mais perto da causa indígena.

A despedida dos não eleitos, contrastava com a felicidade dos que saíram vitoriosos, como o Senador Pedro Simon, Governador eleito do Rio Grande do Sul. Empolgado com a vitória, ele fez um discurso de despedida de quase duas horas, atrasando 32 sessões extraordinárias que foram convocadas para votar os últimos projetos do Senado.

Alguns parlamentares, como o Deputado Haroldo Sanford (PMDB-CE) não admitiam nem falar na possibilidade de derrota. Conhecido por seus cabelos esverdeados e por sua coleção de extravagantes gravatas coloridas, bordadas em forma de dragões chineses, Sanford tem esperança de se eleger em último lugar, e diz que só fala no assunto depois de terminada a apuração da última urna.

O Deputado-cantor Agnaldo Timóteo (PDS-RJ), que se destacou pelas



Se o Governo quiser índio, aceito um cargo no Palácio do Planalto,

MARIO JURUNA

brigas que provocava nas votações, preferiu atribuir a derrota (foi o segundo mais votado no País em 1982) à "burrice e idiotice dos eleitores".

Mas nem tudo deu certo nas despedidas. O Senador Moacyr Duarte (PDS-RN), além de derrotado, foi acusado por alguns colegas de pedir ágio para passar o espaço de seu privilegiado gabinete, equipado com salas de reuniões e copa. O Senador nega a acusação, e referindo-se a parlamentares paulistas interessados em seu gabinete, justifica: "Esse gabinete pertence, tradicionalmente, ao Rio Grande do Norte."



O que é que vou fazer com os cem mil cartões de Natal que mandei imprimir,

WILMAR PALLIS